



□□□ José Edvar Costa Araújo □□□ 43 anos □□□ Cearense de Viçosa □□□ Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará □□□ Autor da tese premiada pela Funarte/Ibac "O Papel Político-Pedagógico das Manifestações da Cultura Popular na Construção de Modelos e Conceitos de Relações Sociais - O Caso da Festa do Pau da Bandeira, de Barbalha, de Barbalha" □□□ Desde 1975 participa de trabalhos de pesquisa sobre a cultura do Ceará □□□ Atualmente presta assessorias e consultorias junto a grupos e comunidades, nos aspectos do desenvolvimento organizacional, educação comunitária e política



O POVO - À primeira vista, a festa do Pau da Bandeira de Barbalha é um tema muito interessante para trabalhos na área de sociologia ou antropologia. Como surgiu a idéia de analisá-la sob um ponto de vista pedagógico, educacional?

Edvar Costa - Eu era ainda estudante de Letras em 1976 e tive a oportunidade de trabalhar numa pesquisa da Secretaria da Cultura do Estado sobre literatura popular e artesanato, aí fui chegando perto desse universo da cultura popular. Na minha trajetória profissional sempre trabalhei com educação. Nos movimentos sociais, nas comunidades eclesiais de base e também nos movimentos sociais urbanos eu sempre trabalhei como educador, assessorando na formação de lideranças. Então, o meu trabalho de educador sempre esteve ligado ao meu interesse pela cultura popular. Nesse trabalho de assessoria eu procurava observar esse segmento da população sob o ponto de vista dos valores e das manifestações da cultura. Nasceu daí o interesse de ligar educação à cultura popular.

OP - Você poderia situar um pouco o seu objeto de estudo. O que é a festa do Pau da Bandeira de Barbalha, em que contexto ela acontece?

EC - O Pau da Bandeira abre uma festa bem maior que é a festa de Santo Antônio, o padroeiro. Ele é o grande momento de abertura e tem significado importante. Depois de transportado da floresta e fincado no chão, o mastro da bandeira do santo permanece durante toda a festa simbolizando que naquele momento toda a sociedade vive em torno do que representa o padroeiro como símbolo de unidade de todos. Naquele momento a festa proporciona momentos de união de todos os segmentos sociais, acima de todas as diferenças e divergências. É uma união simbólica, momentânea, mas que termina sendo também aproveitada para reforçar durante o restante do ano, durante as relações comuns, os sentimentos de unidade. Por um lado, ela é usada para reforçar os sentimentos de comunidade, mas também pode ser usada para mascarar os conflitos e as divergências que existem. Eu tentei ir o mais fundo possível para perceber como isso acontece.

"Em Barbalha, o costume dos mastros deve ter aparecido com o padre Ibiapina, por volta de 1875, no período em que o padre passou por aquela região".

OP - Você já fez vários estudos sobre festas populares, inclusive publicou artigos sobre festas em Fortaleza, Camocim, Barbalha e Jardim. Isso é uma coisa que acontece de uma forma geral nessas festas populares ou é uma especificidade de Barbalha?

EC - Eu parti de dois grupos de perguntas. Uma de caráter geral que seria o que significa esses conceitos de cultura popular e educação popular. Se esses conceitos - como são usados comumente - dão conta de todas essas nuances ou se eles estão sendo utilizados de modo empobrecedor. Ao fazer essas perguntas eu reconheço que essas questões estão presentes em todas as manifestações culturais coletivas, portanto em todo o tipo de folguedos e festas populares. Particularmente, me interessava perceber o específico do que essas festas representam no caso de Barbalha. Compreender como é que - desde quando foi possível reconstituir a origem da festa - ela se estrutura ao longo do tempo e também a cada ano.

OP - Quais foram as mudanças significativas desde a origem da festa até hoje?

EC - Segundo a reconstituição que eu pude fazer, as lembranças mais antigas teriam um pouco mais de 100 anos - não dessa festa como tem hoje, mas do costume dos mastros. Na cultura cristã, mas particularmente nas manifestações ligadas ao catolicismo, há esse costume de tirar as árvores para servir de mastro, embora a gente saiba que existem manifestações dos mastros como símbolos da fertilidade em todo o mundo desde épocas remotas. Agora, em Barbalha, segundo o doutor Napoleão - que é um pesquisador - o costume dos mastros deve ter aparecido com o padre Ibiapina, por volta de 1875 no período que o padre passou por aquela região. Ele tem testemunhos de que o padre incentivava a colocação dos mastros com as bandeiras dos santos. No início desse século começa de fato o costume de buscar na mata do Araripe uma árvore para colocar a bandeira de Santo Antônio. A partir daí ocorrem as modificações, mas há também as coisas que permanecem constantes. Continua o costume de trazer uma árvore, também permanece o costume das pessoas que vão buscar a árvore - os carregadores - de fazer

EDVAR COSTA

O papel das manifestações da cultura popular

Apesar da formação em Letras ele sempre se interessou mais pelas manifestações da cultura popular do que por escritos literários. Depois de 20 anos de pesquisas sobre temas como artesanato, literatura de cordel e festas populares, José Edvar defendeu tese premiada no Mestrado em Educação da UFC. "O Papel Político-Pedagógico das Manifestações da Cultura Popular na Construção de Modelos e Conceitos de Relações Sociais - O Caso da Festa do Pau da Bandeira, de Barbalha". O nome comprido define o trabalho que recebeu o prêmio Menção Honrosa no Concurso Sílvia Romero, promovido pela Funarte/Ibac, através da Coordenação de Folclore e Cultura Popular. Trabalhando atualmente como assessor de programas de educação e desenvolvimento, José Edvar recebeu o Vida & Arte para a entrevista a seguir.

LEONARDO FERREIRA



rem isso num misto de devoção e ao mesmo tempo de brincadeira, é um divertimento onde se toma inclusive uma cachacinha. Essa relação da devoção com o lúdico, são dois aspectos entrelaçados que parecem características dessas festas populares em geral. O que modifica é como esse lúdico e essa devoção são encarados pela sociedade local e por quem não é de lá e que vai a festa somente por curiosidade, principalmente agora que a festa já se tornou um evento regional e turístico. Então do ponto de vista das modificações eu

procurei situar em quatro fases. Numa primeira etapa situei o período que vai de 1778 - quando o fundador da cidade pede licença para erigir a capela, dando início a devoção de Santo Antônio - até mais ou menos 1860. Nesse primeiro período não se tem notícias desse costume de mastros. Segundo depoimentos dos estudiosos locais é por volta dessa data que se conhece o costume de levar os mastros para colocar as bandeiras dos santos. Dessa época do padre Ibiapina até 1928 vai a segunda etapa do meu trabalho. Depois, sabe-se

que por volta de 1930 o transporte do mastro já tinha se transformado num grande acontecimento fora do controle da igreja. A prova é que o vigário decide incluir o transporte do pau da bandeira nos festejos religiosos, oficializando e considerando isso uma manifestação folclórica, agora incluída no calendário religioso - portanto sob o controle das autoridades religiosas. A partir daí surge a figura do capitão da bandeira, com a função de comandar, organizar e supervisionar o transporte. O primeiro foi o Taumaturgo, uma pessoa de família ilustre. Uma das mudanças é essa, ele foi o capitão durante toda a vida, havia uma aceitação e ao mesmo tempo era parte de uma família importante. Com a morte dele começa o costume de se eleger o capitão. Formalmente, era adotar critérios mais democráticos. Vieram pessoas das mais diferentes procedências e profissões. Mas sempre gente que recebe apoio dos organizadores ligados à igreja e mais recentemente o apoio do prefeito, quando a prefeitura participa mais ativamente. Depois, uma mudança marcante acontece em 73 quando o prefeito daquela época, Fabríano Sampaio, no auge da crise da economia agrícola, imagina Barbalha como um centro turístico. Ele organiza uma programação vasta que dura o dia inteiro (antes era só à tarde). Entra o artesanato, a comida típica, aí começa o transporte do pau como um grande acontecimento.

OP - Você trabalhou principalmente com dois conceitos "cultura popular" e "educação popular". Esses conceitos são frequentemente alvos de interpretações equivocadas. Como você trabalhou isso?

EC - Ao estudar essas festas percebi que há um discurso que coloca a cultura popular como algo importante, mas a visão que se passa daí é que haveria uma cultura popular pura que se oporia às outras. Tentei desmistificar isso e colocar que não é verdade. Essa valorização não corresponde à iniciativas operacionais, fica-se muito no simbólico sem fazer a ligação com os aspectos sócio-políticos e econômicos, daí surgem as deformações. No início do trabalho eu desconfiava disso mas não conseguia formular muito bem. No decorrer da pesquisa eu vi que a continuidade da festa implica numa negociação entre os diversos setores da sociedade, um exemplo é a escolha do comandante do pau. Procura-se operacionalizar, encontrar a forma para a manifestação continuar existindo, mas não existe essa oposição completa da cultura popular às outras culturas.

Essa valorização não corresponde à iniciativas operacionais, fica-se muito no simbólico sem fazer a ligação com os aspectos sócio-políticos e econômicos, daí surgem as deformações. No início do trabalho eu desconfiava disso mas não conseguia formular muito bem. No decorrer da pesquisa eu vi que a continuidade da festa implica numa negociação entre os diversos setores da sociedade, um exemplo é a escolha do comandante do pau. Procura-se operacionalizar, encontrar a forma para a manifestação continuar existindo, mas não existe essa oposição completa da cultura popular às outras culturas.

"Essa relação da devoção com o lúdico, são dois aspectos entrelaçados que parecem características populares dessas festas em geral"

OP - Você recebeu menção honrosa no Concurso Sílvia Romero promovido pela Funarte/Ibac através da Coordenação de Folclore e Cultura Popular, qual a importância de um reconhecimento como esse?

EC - Quando eu realizei a pesquisa e a dissertação, o objetivo era que não fosse um trabalho apenas para cumprir a formalidade da academia. Queria que tivesse um valor investigativo, que pudesse originar outros trabalhos direcionados para a comunidade local e que contribuísse nos aspectos de cultura, educação e desenvolvimento. Quero agora trabalhar sob a perspectiva do turismo. Nos últimos três anos acho que a festa está crescendo muito, há um investimento de mídia no sentido de transformá-la num grande evento, mas ainda sobrevivem esses aspectos da devoção local. Quero estudar como é possível continuar valorizando essa dimensão histórica e social num espetáculo para ser visto também por quem vem de fora. Seria um desastre ela se transformar só num espetáculo turístico, o ideal é que haja a união dos aspectos utilitários e simbólicos. Esse é o desafio que tem que ser enfrentado. É importante para quem organiza respeitar as tradições. Com relação ao prêmio acho que é um certificado de que meu trabalho foi válido. É importante porque é um evento tradicional que se realiza há muito tempo, com dimensão nacional e com um júri com capacidade reconhecida na área. Ao mesmo tempo eu percebi a precariedade, por exemplo, não se tem nenhum apoio para ir receber o prêmio. E a grande vantagem é o ato da entrega porque é onde você pode fazer contatos, conhecer as pessoas da área e trocar experiências. Infelizmente não pude ir porque não tive nem hospedagem.